

UMA BIOGRAFIA POP: BENJAMIN MOSER E CLARICE LISPECTOR¹

Márcia Lígia Guidin

USP

BENJAMIN MOSER é historiador, escritor e tradutor norte-americano; nasceu no Texas em 1976. Morou na França, mas voltou aos EUA para estudar História na Brown University. Hoje vive na Holanda, onde completou mestrado e doutorado. Escreve para o *New York Review of Books* e para a revista *Harper's*. Tornou-se conhecido nos EUA e no Brasil com a publicação de uma biografia de Clarice Lispector em 2009, *Why this world*, que entrou para o National Books Critics Circle Award dos EUA, aqui traduzido como *Clarice*. Em 2016, reuniu num só volume todos os contos da escritora: *Clarice Lispector, todos os contos*.

Segundo Benjamin Moser, seu interesse por Clarice Lispector partiu do acaso. Quando ingressou na Universidade Brown, EUA, precisava estudar outra língua:

(...) estudar chinês era muito difícil. Mas eu tinha de fazer outro idioma e cáí, totalmente por acaso, numa aula de português. E por aí foi. Eu não tinha nenhum outro motivo além de preencher minha grade de aulas. Eu tinha que estudar uma língua e foi essa. Deu no que deu.²

¹Este texto, publicado originalmente no jornal literário *Rascunho*, reabre nossa seção Fórum, visando incentivar o debate crítico sobre aspectos polêmicos da literatura brasileira e de seus estudos.

²RODRIGUES, Ana. *Época Digital*, 17/5/2016. In: www.epoca.globo.com/vida/noticia/2016/05/benjamin-moser-clarice-lispector-e-eu-deciframos-um-ao-outro.html

Diz ele que, quando leu *A Hora da Estrela* (1977), ficou tão entusiasmado que “queria fazer algo por aquela senhora, mas não imaginava como: tinha apenas 19 anos e via ali uma obra de nível mundial; e se as pessoas não sabiam disso, era culpa delas”³

Assim, pode-se supor que seu livro tenha nascido do fortuito e do impulso amoroso – que é o maior problema da obra. Em inglês, saiu com o título *Why this world – a biography of Clarice Lispector* (2009). Aqui, foi publicado⁴ pela CosacNaify (2009), com o título de *Clarice, uma biografia*. [Na capa, lia-se apenas: “Clarice-, ou seja, vírgula”].

Com arrojado trabalho de divulgação e distribuição, a obra tornou-se lá e cá um *bestseller*, tomada até como biografia “definitiva” – o que não é certamente. Mas obra e autor ganharam notoriedade: “Clarice-vírgula” ficou pop e levou novos leitores às obras de Lispector, o que foi muito bom.

A edição de 2017, herdada pela Companhia das Letras, é a mesma, acrescida de algumas fotos, porém quase nada é inédito para quem já viu a iconografia da autora. Creio que nesta presente edição, o autor perdeu boa chance de ajustar problemas apontados na época pela crítica especializada ou não especializada. Profícuo em entrevistas (em ótimo português), o autor até agora pareceu não se importar com as críticas; ao contrário, ratifica seu método e seus “insights” como originais e visionários.

Tratando Lispector menos como escritora e mais como ídolo, Moser afirma que, quando morreu, “Clarice (era), portadora de grande mistério, era um figura mítica, “um ídolo extremo entre nós;” “uma mulher que fascinava os brasileiros”. “Hoje, então”, – prossegue, o biógrafo –, “é vendida até em distribuidores automáticos de estações de metrô” (p. 14).

Ao contrário dessa admiração pelo majestoso – o que me parece de grande risco para qualquer biografia e qualquer biógrafo – as coisas não eram assim entre nós, brasileiros. A escritora era mais conhecida (dos anos 60 até a morte) em círculos intelectuais e universitários (sobretudo no Rio); suas obras não tinham grande

³Idem.

⁴Em excelente tradução de José Geraldo Couto.

tiragem, e havia (ainda há!) quem achasse artificial seu vezo pelo mistério. Hoje, é mais lida, sim – Moser ajudou – e, tendo ido parar nas estantes, até navega pela internet em citações que nunca foram dela; muitas vezes seu nome valida até textos apócrifos.

É fato, porém, que Clarice ganhou maior visibilidade quando passou a escrever crônicas para o *Jornal do Brasil* (1967-1973). Então, leitores de jornal (não exatamente de seus livros) encontraram identificações, alguns lhe escreviam, cultuavam seus textos, que ora eram criados para o jornal, ora apenas trechos de obras em processo de escrita, como aconteceu, por exemplo, com *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (1969) e *Água Viva* (1973). Assim, sua “popularidade” veio aos poucos – e mais ainda depois de peças de teatro, monólogos e reverências levadas por admiradores à cultura “de massa”.

Quando saiu, a biografia de Moser causou mal-estar na vida literário-acadêmica brasileira, já exausta de tanto pesquisar Lispector, que (verdade seja dita...), virou moda nos anos 80-90, logo após sua morte. Houve extensos trabalhos interpretativos e biográficos sobre a escritora.

O livro essencial era (e ainda é) a biografia de Nádia Battella Gotlib: *Clarice, Uma vida que se conta*, de 1995, depois complementada pela mesma autora por extensa obra, em 2008, chamada de *Fotobiografia* – com mais de 800 imagens em nova e longa pesquisa e viagens. Além dessas obras seminais, surgiram teses e pequenas biografias – nem sempre bem divulgadas ou editadas para um público amplo. Que pena pelos pesquisadores, que muitas vezes deixaram de mostrar a extensão de seus trabalhos (leia-se má distribuição); que azar para editores, que foram engolidos pela biografia de Moser.

Assim, o Brasil ficou com *duas* Clarices: a da vasta pesquisa acadêmico-científica; e a mais recente, pop e romanceada, sob vertiginosas interpretações do biógrafo americano.

A questão não é enaltecer quem biografou antes, muito menos preferir o universo acadêmico ao mundo amplificado das mídias. Obviamente, cada biografia parte de um foco ou interesse específico. O de Moser (incontáveis são suas

entrevistas) sempre foi conhecer e “reconhecer-se” na autora por quem se apaixonou. A biografia de Nádía Gotlib desejou, como diz a autora, “entrelaçar vida e obra a partir da *leitura crítica* de textos e de dados biográficos, sem que *equivocadamente se estabeleçam mútuas relações de dependência*” (grifo meu).⁵

Descontextualizar

No caso de Gotlib, deu certo trazer à biografia de Clarice sua ficção, – com muito cuidado, “sem mútuas dependências”, como reitera. Sabe-se que a autora organizou durante anos seu material; no caso de Moser, a trilha estava aberta e documentada; ou seja, quase todos os caminhos levaram a dados e fontes que já estavam lá. Há casos em que o biógrafo acaba incorporando até citações *ipsis litteris*.

E, ao contrário de Gotlib, o biógrafo estabeleceu propositalmente relações de dependência entre vida e obra a partir de suas convicções histórico-biográficas. Por isso, num percurso inverso ao de Gotlib, buscou e *colou* às suas ideias inúmeros trechos de Clarice.

Isso me parece método grave e perigoso: de tão apartados de seu complexo e do intrincado contexto, os excertos funcionam apenas como autenticação das ideias de Moser. Quer dizer, a escritora, na articulação de sua própria biografia, foi usada para validar o que pensa o biógrafo. Um exemplo:

A alma exposta em sua obra é a alma de uma mulher só, mas dentro dela encontramos toda a gama da experiência humana. (...) Por ter escrito tanto de sua experiência íntima, ela podia ser convincentemente tudo para todo mundo, venerada por aqueles que encontravam em seu gênio expressivo um espelho da própria alma. Como ela disse, “*eu sou vós mesmos*” (p. 18, grifo meu)

Tal frase, citada por Moser– retirada de *Um Sopro de Vida*, obra póstuma, mas escrita junto com *A Hora da Estrela* – é muito mais complexa do que o uso que se faz dela. Não cabe análise pessoal neste momento, mas a obra donde Moser retirou a frase não quer, certamente, angariar leitores “espelhados na própria alma”, como sugere o biógrafo. Há distorções de leitura da obra de Moser. E não venha alguém dizer que

⁵ Grifos meus. GOTLIB, Nádía: *Clarice, Uma vida que se conta*, São Paulo: Ática, 1995, p. 15; ver também: Entrevista <https://revistavidasecreta.wordpress.com/2016/02/06/nadia-battella-gotlib-duas-vezes-clarice/>.

interpretar textos é *pessoal*. O solo de uma leitura sempre será o próprio texto do autor que se analisa.

Noutro trecho, falando sobre a cidade de Tchelchelnik, (Ucrânia), cidade onde Lispector nasceu, Moser, como historiador que é, nos conta que os governantes poloneses da aldeia “possuíam haras que produziam cavalos valiosos (...), um ramo de negócios quase misteriosamente apropriado” (p. 27). A seguir, pinça, sem pestanejar, outro trecho da escritora: “Eu diria: se pudesse ter escolhido *queria ter nascido cavalo*.”⁶ (p. 27, grifo meu).

O leitor que deseja mais que fragmentos chega muitas vezes a enfrentar o *nonsense*. Comentando o famoso conto “Uma galinha”, Moser afirma que na frase “velho susto de sua espécie” está sugerido “o ancestral medo judaico de perseguição” (p.253, Moser). E a frase “resquícios da grande fuga” [da galinha, perseguida pelos telhados do bairro], é remetida à “desesperada fuga da Europa empreendida” pela mãe de Clarice (p.253, *idem*). Tal apropriação simplória ou quase pejorativa, como aqui, ocorre na obra toda – e, claro, mina a confiança do leitor mais exigente.

“Apud”: trilhando as trilhas

Além da descontextualização (chamemos assim), Moser faz uso pouco ortodoxo das trilhas, como disse, já abertas por outros biógrafos. Aliás, bastariam as abundantes notas do autor para identificarmos as bases com que Moser montou seu livro.

Embora tenha feito também entrevistas com gente viva que conheceu Lispector, o biógrafo parece não tê-las enfrentado com maior prudência. Em vários casos, e na superfície, oferece tais relatos como verdade. Um dos principais seria sobre o suposto estupro da mãe de Lispector, de que falo adiante. Além disso, incomoda muito a liberdade com que Moser cita depoimentos sem identificações: “um amigo disse..”, “uma amiga declarou...”.

No restante, o biógrafo acatou fontes e pesquisas já trazidas de outras obras. Delas, a biografia de Nádya Gotlib foi seu sustentáculo maior. (Nas notas, o livro de

⁶ LISPECTOR, Clarice *Onde estivestes de noite*, apud MOSER, B., p. 27.

Gotlib é citado ao menos 55 vezes). Ou seja, o biógrafo escolheu citar “apud”. O que é isso? Moser optou por trazer depoimentos, trechos, fatos, diretamente dos outros livros – e não de supostas fontes primárias de sua pesquisa.

Para um entusiasmado leitor, ok – quem liga para isso? Do ponto de vista da pesquisa cerrada, a citação de segunda mão traz sempre mal-estar. Singelo exemplo: Quando intelectuais se reuniram para protestar contra a violência aos estudantes, diante do governador do Rio, Moser cita um comentário do jornalista Zuenir Ventura: “A essa altura, *segundo o registro do jornalista Zuenir Ventura, que estava presente*, Clarice Lispector quase desmaiou. Ela passara o tempo todo tensa, morrendo de medo de que...”⁷ (Zuenir Ventura e Carlos Scliar, *apud* Gotlib, *Clarice, uma vida que se conta*, op. cit., apud).

Na obra de Nádia Gotlib, lemos o seguinte texto: “Zuenir Ventura *conta que*, nessa altura, “Clarice Lispector quase desmaiou. Ela passara o tempo todo tensa, morrendo de medo de que ...”⁸ (grifo meu)

Assim, em exercício facilitador, leio em Moser o que diz Zuenir Ventura, já citado por Nádia, etc. E lá nas citações, vai a mesmíssima fonte que Gotlib usou. A mesma estratégia ocorre com o uso de outras fontes importantes, como *Esboço para um Possível Retrato* (1981) de Olga Borelli, companheira de Lispector nos seus últimos anos, bem como outra biografia, *Eu Sou uma Pergunta* (1999), de Teresa Cristina Montero Ferreira. Não posso falar em plágio, nem Moser nega ou esconde tais fontes. O problema é que a massa documental que compõe suas fontes é confortável demais para um biógrafo sério e “definitivo”.

As autoras inspiradoras do jovem, até onde sei, quedaram caladas. Mas outros críticos já viram tal problema e foram incisivos. Benjamin Abdalla (2010) observa que

⁷ (p.358, grifo meu).

⁸ (p. 380, GOTLIB, Nadia, op.cit., grifo meu)

títulos, subtítulos e mesmo a tonalidade são muito similares em Moser e Gotlib⁹. Por sua vez, Vilma Arêas¹⁰ (2012) sentencia:

Não gosto nada [da biografia do Moser]. O único dado novo que ele trouxe foi a história da mãe. Ele chupou muita coisa da Nádia Gotlib. Moser é e sedutor (...). É jovem, interessante, mora na Holanda, deve ter um ótimo agente. O livro é bem escrito, mas tudo o que ele interpretou da Clarice está errado.

Digressões e fofocas

Ainda assim, a biografia de Moser leva certos leitores a nutrido prazer. Quem quer, lê a biografia de Clarice como um romance. Para ilustrá-lo, entretanto, Moser também cometeu excessos em digressões e fatos secundários. Não me refiro às amplificações histórico-políticas com que o historiador narra a perseguição e extermínio de judeus na Ucrânia, o que explicará o consequente exílio da família Lispector para o Brasil, quando Clarice tinha apenas dois anos.

Refiro-me a informações supérfluas, totalmente alheias à constituição da biografia. Você, leitor, fica sabendo que Jânio Quadros quase violentou Clarice num evento, rasgando sua roupa – e que ela, assustada, foi chorar com a amiga Maria Bonomi. Saberá também, que a primeira dama (1967-1969), Yolanda da Costa e Silva, gostava muito de cirurgias plásticas e de desfilar insaciável com rapazes mais jovens. Saberá que Rubem Braga, nosso cronista, padeceu de grande amor por Bluma Wainer, com quem teve um rumoroso *affair*. Grande amiga de Clarice e mulher de Samuel Wainer (uma “judia da Bahia,” como diz o autor, descrevendo-a, p. 244), Bluma morreu precocemente. Em seus incansáveis atributos a Lispector, Moser não as deixa de comparar: “Bluma não era fotogênica e com seu narigão e seus dentes proeminentes dificilmente poderia ser considerada bonita” (p.205).

Noutra passagem, o que é surpreendente, desqualifica, diante de “sua esfinge”, seu futuro marido diplomata: “O amor de Maury pela colega de escola de direito é

⁹ (...) “Se no livro de Nádia Gotlib há um subcapítulo intitulado “As receitas da bruxa”, no de Moser há capítulo intitulado “A bruxa”. No [de Nádia] há “Os diálogos possíveis”, no de Moser há “Diálogos possíveis”. Em [Nádia], há “o furacão Clarice”, [em Moser], “Furacão Clarice (*Revista de Estudos Avançados*, USP, v. 24, n. 70, 2010).

¹⁰ [Suplemento cultural do *Diário Oficial do Estado de Pernambuco*. In: www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/70-perfil/592-vilma-areas-nao-esquece-nunca-jamais.html/ 2012.

temperado pela insegurança que a inteligência superior dela (de Clarice) lhe provoca.” (p. 149).

É grave um biógrafo não aplicar a sua obra o distanciamento crítico adequado, mesmo que traga consigo intensas convicções. Biografias, mais até do que obras ficcionais, dependem de um pacto com o leitor para gerar credibilidade. Biografias não têm espaço para o enlevo lírico de seus autores.

A questão judaica e a obsessão pela mãe

Como novidade, Moser defende a tese de que Clarice foi uma escritora judia (não brasileira nem cristã), que carregou na vida e na obra o peso do sofrimento de seu povo, de sua ancestralidade. A perseguição aos judeus da Ucrânia no século XX teria sido essencial para constituir o que chama de “mistério” de Lispector. Seria até interessante pensar na obra clariciana olhando esse viés. Mas o que seria promissor fica diluído na radicalização interpretativa do biógrafo.

Explico: chegar a Alagoas aos 2 anos, naturalizar-se brasileira, crescer em Maceió e Recife (em bairro de judeus), mudar-se para o Rio aos 14 anos, circular entre os mais expressivos escritores brasileiros, estudar direito, – tudo o que, para nós, a constitui – *seria para seu biógrafo um mero acaso*¹¹: o Brasil não importa, poderia ser qualquer outro país. A cena brasileira não teria ecoado para esta escritora! As mulheres de Clarice (de Joana, a primeira, a Macabéa, a última), seus contos, seus romances, até seus livros infantis carregariam consigo outras raízes, outras referências existenciais-político-ideológicas de quem nasceu “a milhares de quilômetros do Brasil, em meio a uma horripilante guerra civil, com a mãe condenada à morte por um ato de indizível violência...” (Moser, p. 18). E a quem duvida de sua posição, Moser insiste, enfático: “(...) o contexto que produziu Clarice era inimaginável para a maioria dos brasileiros – ao menos, certamente, para seus leitores de classe média” (p. 18).

Perceba-se que seu biógrafo, impondo tal dor ancestral e dilacerante à arte de Lispector, investe num perigoso determinismo que assola a força estética e

¹¹ Assim também entende Anna Cabalé, ensaísta e professora da Universidade de Barcelona. (Cf. www.elpais.com/cultura/2017/09/21/babelia/1505996394_889013.html)

morfológica de sua escrita. Trazendo “na alma” as marcas do sofrimento e do espírito hebreu de seus antepassados, a obra de Clarice seria, por força, o penhor dessa expiação. E ela, a estrangeira, sempre. Para mim, inimaginável espremer Lispector nesse destino.

Para o biógrafo, é só a partir dessa perspectiva, comprovada por seus textos “cheios de enigmas” – que a biografia da escritora pode e deve ser compreendida. Ou seja, a ancestralidade seria mais forte que quaisquer outras marcas criadoras, incluindo-se aí a visão precursora e antípoda de Antonio Candido, quando percebe a escritora, em seu primeiro romance, 1944, como um intenso sinal do novo na literatura brasileira:

[Perto do Coração Selvagem é] tentativa impressionante para levar nossa língua canhestra a domínios pouco explorados, forçando-a a adaptar-se a um pensamento cheio de mistério para o qual sentimos que a ficção não é um exercício ou uma aventura afetiva, mas um instrumento real do espírito.¹²

Moser abre mão de ver como esta escritora escolheu apostar numa escrita que, após os anos 1940, teve a ousadia de dar as costas para o nosso regionalismo neonaturalista e “escapar do ramerrão”, como diz Candido. Para compreender a luz de Clarice Lispector, arrisco dizer, que se deve pensar muito menos na ancestralidade de seu povo e mais na literatura brasileira vigente à qual Clarice, em sua modernidade, e em bom português, dará vigorosamente as costas.

É muito difícil acatar a convicção radical desta biografia, bem como esquecer as personagens de Clarice, ligadas a complexas questões do feminino e da feminilidade – e que seriam apenas alter ego(s) da autora, como Moser nos propõe. Ora, Clarice também foi e é Virginia Woolf, Katherine Mansfield e James Joyce.

Sob o risco de eu mesma fantasiar, tenho a impressão de que a própria Clarice insiste, com seu texto misturando-se ao de Moser, em negar a feição estrangeira que ele tanto deseja mostrar. [Curioso, ele mesmo às vezes nega o que afirma antes...]

1. “Uma vez esclarecida minha brasilidade...” (Clarice, em Moser, p. 10);

¹² Crítica de 1944. No raio de Clarice Lispector, em *Vários Escritos*, 1972.

2. “A minha terra não me marcou em nada, a não ser pela herança sanguínea. Eu nunca pisei na Rússia” disse Clarice Lispector. (Clarice, em Moser, p. 23);
3. “Nas fotos, ela parece tudo menos estrangeira.” (Moser, ele mesmo, p. 21);
4. “Eu pertenço ao Brasil” (Clarice, em Moser, p. 23);
5. “À vontade em casa, na praia de Copa, ostentava que o apego ao país era genuíno.” (Moser, ele mesmo, p. 22)
6. “Sempre se indignou diante do fato de que havia quem relativizasse sua condição de brasileira, escreveu sua amiga mais próxima [Olga Borelli]. ‘Nascera na Rússia, é certo, mas aqui chegara aos dois meses de idade. Queria-se brasileira sob todos os aspectos. Eu enfim sou brasileira, ela declarou, pronto e ponto’.” (Olga Borelli, citada por Moser, p. 78).

A mãe

Sua mãe, nascida na Ucrânia em época de guerra civil, teria sido uma das muitas vítimas da perseguição aos judeus. O autor toma não como hipótese – mas como verdade – que Mania Lispector teria sido violentada no decorrer dos pogroms. E, por isso, teria contraído sífilis, que anos depois a mataria, já vivendo no Brasil. A inconsistência que dá o fato como certo tenta justificar-se num trecho (bem conhecido) em que a escritora, em crônica, diz que foi dada à luz (era a caçula de três irmãs) para tentar salvar a mãe de uma moléstia, como acreditavam os velhos. As certezas de Moser, infelizmente, repelem a cautela:

“É difícil saber *quando Mania foi atacada*” (p. 45, grifo meu).

“(…) doença antiga e muito temida, e é surpreendente que Mania e Pinckhas *tivessem corrido o risco do sexo*, para não falar da gravidez, sabendo que *ela estava infectada* (p.45, grifo meu).

“(…) em temperaturas que atingiam trinta graus abaixo de zero, Chaya Pinkhasovna Lispector nasceu, de *mãe sífilítica*, em 10 de dezembro e 1920 (p. 55, grifo meu).

Pobre Clarice, teria carregado o remorso de não ter salvado sua mãe da sífilis. Contra esse diagnóstico interpretativo, *alinho-me a muitas outras vozes*: não há nenhum documento ou depoimento real e identificado que prove a hipótese do estupro, muito menos a sífilis e menos ainda o nascimento de uma criança que deveria

ter sido contaminada. Por via das dúvidas, o bom senso ficou apenas em nota de rodapé, lá, ao fim do livro, escondida:

Outras fontes atribuem a paralisia de Mania a um choque traumático (possivelmente um espancamento) ocasionado pela violência do pogrom ou outra doenças. Não se conhecem depoimentos das filhas de Mania, Tania Kaufmann e Elisa Lispector, que confirmem a hipótese de estupro (p. 476).

A figura de mães e o peso da orfandade são de fato recorrentes em Lispector, desde o primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, mas acusar Mania da irresponsabilidade de engravidar sifilítica seria no mínimo inverossímil.

Prosseguindo na tortuosa convicção, ao comentar *A Paixão Segundo GH* (e após lembrar que, em português “a palavra barata é feminina” [??] p.329), Moser dirá:

Oculto sob a confrontação de G.H. com a barata agonizante *está uma lembrança da mãe agonizante da própria Clarice Lispector. A identidade de sua mãe com a barata é um dos aspectos mais chocantes desse livro perturbador*. No entanto, é difícil evitar a conclusão de que era isso o que Clarice pretendia: “*Mãe, bendita sois entre as baratas*” (p.329, grifos meus).

Berta Waldman lembra, como já citei atrás, que Lispector diz em uma de suas últimas entrevistas: “Eu sou judia, você sabe, mas não acredito nessa besteira de judeu ser o povo eleito de Deus. Não é coisa nenhuma. Os alemães é que devem ser, porque fizeram o que fizeram. Que grande eleição foi essa para os judeus? [...] Eu enfim sou brasileira, pronto e ponto” (¹³). Mais uma blague de Clarice. Ora, cristianismo, judaísmo, crenças populares – como cartomantes – teriam trazido à obra o pouco solene sincretismo brasileiro.

A Hora da Estrela

Ao final, ao falar de *A Hora da Estrela* (1977), Moser afirma que nessa obra repousa o “caráter explicitamente judaico e explicitamente brasileiro”. Se o leitor esperava a conciliação redentora da pátria ancestral com a brasilidade, a explicação é muito frágil: a protagonista Macabéa é o que é porque vem de Alagoas – onde Clarice passara a

¹³ COUTINHO, Edilberto. *Criaturas de papel*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 168.

primeira infância. E seu nome (apesar do sotaque nordestino), segundo Moser, vem do episódio bíblico dos Macabeus, tendo Judas Macabeu sido um dos maiores heróis da história judaica, cujas histórias Clarice certamente teria conhecido (p. 455).

Aqui o biógrafo já está cansado, limita-se a resumir a obra, deixando de lado a complexa relação entre a autora, o narrador interposto e a pobre nordestina. Deixará de lado também o agônico processo de escrita dessa última obra em folhas soltas, catalogadas em envelopes por Olga Borelli. Mas essa é outra história. Quem haverá de dizer que Clarice e Macabéia têm a mesma história? Afinal, se só olho a biografia, para que serve toda a ficção?

Márcia Lúcia Guidin, graduada, mestre e doutora em Letras Clássicas e Vernáculas pela USP, é ensaísta, professora titular aposentada de literatura brasileira, *coach* de escritores e membro da Academia Paulista de Educação, ocupando a cadeira 6.